cmp 2.2.3.121

E JANEIRO EM S. PAULO
25 — Hoje, dia santificado
os estabelecimentos banca-
titulos e mercadorias.
nta Commercial a As-
cartorios de protes-

considerado feriado
de fechamento
laes e indus-
neiro de 1912
25 de Ja-
usivamen-
ara Mu-

CA-

ALMIRANTE JULIO DE NORONHA

ESBOÇO BIOGRAPHICO

Na historia militar do Brasil — dentre os mais notaveis servidores do paiz — será sempre relembrado o nome do Almirante Julio Cesar de Noronha. A's nobres qualidades de caracter honrado e justo aliava o illustre marinheiro grande merecimento intellectual — que lhe granjeou logar de raro destaque na classe a que se ufanava de pertencer.

Filho de José Joaquim de Noronha e D. Carlota Joaquina de Noronha, nasceu a 26 de Janeiro de 1845, na cidade do Rio de Janeiro. Era herdeiro, pelo lado paterno, das tradições dos Noronha, de Portugal, e dos que no Rio de Janeiro e noutros pontos do Brasil se dedicaram a profissões liberaes e a trabalhos agricolas. Cirurgião licenciado pela Physicatura Mór, seu avô paterno possuira uma chacara á margem da lagôa Rodrigo de Freitas mantendo ali pequena mas florescente lavoura de café. Entroncava a arvore genealogica materna com a da familia Amorim Rangel, da qual ainda vivem descendentes.

Quarto filho do casal, dos sete da irmandade, criou-se em ambiente de carinhoso respeito. De seus irmãos, desappareceram pela morte o General de Divisão Manoel Muniz de Noronha, D. Maria Theodora de Noronha Souto, que se casou com o Brigadeiro José Lourenço Vieira Souto; o Almirante Carlos Frederico de Noronha, D. Isabel Augusta de Noronha Santos, que se consorciou com o guarda-livros e commerciante Francisco Eulalio Pereira dos Santos, e o Dr. Antonio Henrique de Noronha, lente cathedratico do Collegio Pedro II e professor do Collegio Militar. Da irmandade, sobreviveu-lhe por pouco tempo o seu fidelissimo irmão Almirante Carlos de Noronha — que sempre o acompanhou na fraternal amisade. Dos sete irmãos — unidos exemplarmente pela dedicação e solidarios na felicidade ou no infortunio, — ainda vive D. Adelia de Noronha Mello e Cunha, viuva do Dr. Gregorio Nazianzeno de Mello e Cunha, lente cathedratico da Escola Naval.

A 26 de Setembro de 1874, então Capitão-Tenente Julio de Noronha, contrahiu nupcias, na cidade de Montevidéo, com D. Nerêa Acosta, nascida a 19 de Outubro de 1858 e filha de Adriano Acosta e D. Mercedes Videla de Acosta.

Do consorcio nasceram os seguintes filhos:

A 10 de Outubro de 1876 — Carlos Frederico de Noronha, hoje Contra-Almirante, Director do Pessoal da Armada;

A 11 de Novembro de 1881 — Mario de Noronha, que, no posto de Segundo Tenente, falleceu tragicamente, a 21 de Janeiro de 1906, na catastrophe do couraçado "Aquidaban";

A 11 de Maio de 1884 — Sylvio de Noronha, que foi chefe de sua turma na Escola Naval e é actualmente Capitão de Corveta;

A 1 de Maio de 1888 — Manoel de Noronha — do commercio do Rio de Janeiro; e a 5 de Novembro de 1895, Rubens de Noronha, igualmente do commercio desta praça.

Rigidos principios de educação religiosa nortearam os primeiros passos da infancia de Julio Cesar de Noronha — consoante ensinamentos abeberados por seu progenitor, que fôra seminarista de S. Joaquim até Outubro de 1830.

Em Janeiro de 1852 começou a frequentar a aula de doutrina christã, da freguezia de Sant'Anna. A 23 de Abril do mesmo anno — contando apenas sete annos de existecia — matricularam-no e a seu dilecto irmão Carlos na escola publica de primeiras letras daquella freguezia, regida pelo professor José Pereira Sarmento. De 1855 a 1859 cursou os primeiros annos de estudo do Externato do Collegio Pedro II, distinguindo-se entre seus condiscipulos pela applicação e exemplar conducta.

De 25 de Fevereiro de 1860 a 25 de Abril de 1862 foi alumno paizano da Escola de Marinha, cursando com aproveitamento as aulas dos 1° e 2° annos. Teve praça de Aspirante a Guarda-Marinha a 26 de Abril de 1862, e no mesmo anno ultimou o seu curso academico, sendo approvado plenamente em todas as materias do 3° anno. Guarda-Marinha — ainda muito joven, com dezesete annos de idade, em 26 de Novembro de 1862 — embarcou na corveta "Bahiana", em Dezembro do citado anno, afim de realizar viagem de instrucção do 4° anno daquella Escola. Terminado o curso de instrucção, embarcou no vapor "Amazonas", em Outubro de 1864.

A LUTA NA BANDA ORIENTAL — GUERRA DO PARAGUAY

O recrudescimento da velha contenda do Brasil com o partido blanco na Republica Oriental do Uruguay determinára a organização de uma força naval em Montevidéo. Para a esquadra que deveria operar no Rio da Prata seguiu a 4 de Dezembro o 2° Tenente Julio Cesar de Noronha, promovido a este posto por decreto de 24 de Novembro de 1864. A 6 e 31 de Dezembro deste anno, tomou parte, numa bateria de artilharia de posição, no bombardeio de Paysandu' e a 1 e 2 de Janeiro de 1865 assistiu, a bordo do "Recife", a novos bombardeios e ao ataque áquella cidade, por forças brasileiras de terra e mar, e orientaes do General Flores.

Em aguas do rio Paraná, a 11 de Junho de 1865, distinguiu-se a bordo do "Amazonas", capitanea da frota, sob o commando do bravo Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva — no memoravel combate de Riachuelo, contra a esquadrilha paraguaya, protegida por numerosa artilharia e fuzilaria, collocadas sobre as barracas daquelle rio. Encarregado do rodizio de ré, do "Amazonas", o Tenente Noronha conservou-se na tolda, no posto de combate, durante as horas da refrega, merecendo do heroico Barroso lisonjeiras referencias, pelo denodo com que se conduziu no momento em que mais forte se tornou o fogo mortifero do inimigo. Dozo annos decorridos daquella inolvidavel jornada, interessado o Barão de Amazonas em restabelecer a verdade historica deturpada por versões de criticos pouco escrupulosos, recorreu, em Montevidéo, onde residia, ao Capitão Tenente que, como seu subordinado, commandara o rodizio de ré, da legendaria fragata, dirigindo-lhe a 4 de Outubro de 1877 a seguinte carta:

"Illmo. Sr. Julio Cesar de Noronha — Rio de Janeiro — Desejo esclarecer com toda a evidencia um ponto historico da memoravel jornada de Riachuelo e é buscando informações de testemunhas que tomaram parte naquelle combate, para nellas basear-me, que pretendo destruir falsas versões que só agora apparecem e que muito me surpreendem. Vou, portanto, rogar a V. S. que se digne responder-me aos pontos seguintes: — 1° — Qual a posição da esquadra paraguaya e das chatas, no começo da acção do dia 11 de Junho de 1865? — 2° — A posição da esquadra e chatas inimigas não era a mesma quando a esquadra voltou aguas acima e o "Amazonas" deu a primeira investida no vapor paraguayo "Jejuy"? — 3° — As investidas que deu o "Amazonas" nos vapores paraguayos foram devidas ao acaso ou intencionalmente? — 4° — A quem se attribue a iniciativa dessa manobra? — 5° — Durante o combate ouviu alguma voz — que, partindo da proa do "Amazonas", indicasse essa manobra? — Tendo urgencia dessas informações, espero que se dignará transmittir-mas — bem como qualquer outro esclarecimento que lhe occorrer sobre esse combate e permittir-me que eu faça dellas o uso que me convier — De V. S. camarada obrigado — *Barão de Amazonas*".

A 29 daquelle mez e anno foi, sem tardança, renpondida a missiva de Barroso, com este depoimento:

"Illmo. e Exmo. Sr. Almirante Barão de Amazonas — Acudindo pressuroso ao chamado de V. Ex. em carta de 4 do corrente, procurarei concorrer quanto em mim couber para a elucidação de alguns detalhes concernentes ao memoravel combate de Riachuelo, o mais glorioso feito naval que registra a historia patria. Na intima convicção de que, a verdade venha de onde vier, é sempre aceitavel e util, começo, guardando a mesma ordem numerica, a responder aos quesitos formulados por V. Ex. — 1° — A esquadra paraguaya, ao pasar por nós, descia em linha de fila, conservou a mesma formatura quando, virando aguas acima, tomou posição em seguimento á barranca de Riachuelo, cuja importancia estrategica nós não desconheciamos. — 2° — A esquadra inimiga, exceptuados 4 vapores que se destacaram para abordar a "Parnahyba", occupava a mesma posição quando o "Amazonas", effectuando a evolução de virar, arremessou-se sobre o vapor "Jejuy", que era a cauda da linha — 3° — Foi intencional o emprego do choque como principal meio de acção; disso dá testemunho irrecusavel o facto de ser sempre a prôa do "Amazonas" dirigida sobre as partes mais vulneraveis dos navios inimigos. — 4° — Sempre attribui a V. Ex. a iniciativa da manobra que occasionou a perda dos vapores paraguayos — "Jejuy", "Salto" e "Marquez de Olinda". — E' tal essa minha convicção, está ella tão robustecida em meu animo que, em 1872, rememorando o combate de Riachuelo, a proposito de ligeiras considerações sobre a historia da tactica naval feita em um relatorio apresentado ao governo, escrevi mais ou menos o seguinte trecho: — A habilidade não vulgar com que o illustre Almirante Barão de Amazonas soube aproveitar-se do poder resistente da proa de seu navio, para accelerar o momento de victoria e infligir serios desastres ao inimigo, recommenda-o á veneração dos povos do Imperio e do Prata. — 5° — Nenhuma voz ouvi que, partindo de proa, insinuasse essa manobra, a que V. Ex. ligára o seu nome e cujo successo assignalou um verdadeiro e invejavel triumpho. — Eis, Exmo. Sr. Almirante, o que me cumpre responder a V. Ex., que poderá usar desta carta como lhe convier. — Sou, com profundo respeito e consideração — De V. Ex. attento venerador e obrigado criado — *Julio Cesar de Noronha*".

A conducta esforçada do joven official no combate de Riachuelo ainda mais se realçou na passagem de Mercedes, a 16 de Junho, e, na de Cuevas, a 12 de Agosto — que permittiram o avanço das forças navaes até Rincon del Salto, para effectivar de vez o bloqueio e impedir as communicações fluviaes do inimigo. Em attenção aos serviços de guerra, prestados com inexcedivel dedicação, foi, por merecimento, promovido a Primeiro-Tenente a 13 de Janeiro de 1866. Serviu successivamente em campanha, na canhoneira "Araguary", no couraçado "Brasil" e no vapor "Princeza", commandando o monitor "Rio Grande". Forçou, a bordo do "Brasil", as baterias de Angustura e no mesmo navio realizou a passagem diante das fortificações de Timbó. Recebeu por taes feitos os louvores do commando em chefe da esquadra, sobretudo, pelo comportamento militar e resignação com que supportou privações, vigilias e rigores do clima e toda sorte de sacrificios. Em 1868, foi novamente distinguido com o voto de agradecimento do Governo, pelos relevantissimos serviços prestados no Chaco e no combate de Angustura, a 1 de Outubro.

Estava embarcado no couraçado "Brasil", quando o commando em chefe determinou que se impedisse a fuga do inimigo de Humaytá. Para certificar-se da verdadeira situação dos soldados de Lopez, ordenara o Marechal Marquez de Caxias ao General argentino Rivas que fizesse o reconhecimento na região do Chaco. Forças brasileiras, do Exercito e da Marinha, com auxilio de batalhões argentinos, procuraram os paraguayos em seus esconderijos. Na lancha exploradora daquelle couraçado dirigiu-se a força de marinha, de que fazia parte o Primeiro-Tenente Julio de Noronha, para bater a guarnição inimiga, acoutada nas margens da lagôa Verá. Por vezes teve de sustentar renhidos tiroteios com chalanas paraguayas, levando-as de vencida, — com arrojo que o não fazia esquecer da prudencia. Por mais este serviço que prestou, no contingente naval sob as ordens do Capitão-Tenente Stepple da Silva, mereceu especial referencia em ordem do dia.

Acerca da luta que se desenrolou no Chaco, e, especialmente, na lagôa Verá — colligiu uma serie de notas que, com as fornecidas por seu illustre condiscipulo Saldanha da Gama ao Dr. José Maria da Silva Paranhos, ulteriormente Barão do Rio Branco, serviram de achegas ás *Ephemerides Brasileiras*. Naquella região, onde a inclemencia do clima e terriveis endemias fizeram muitas baixas nas tropas, exerceu o Tenente Julio de Noronha importantes commissões de confiança e de caracter scientifico, — de exploração, traçado e levantamento hydrographico de alguns rios e ilhas marginaes ao acampamento brasileiro.

A guerra continuava com o heroismo da nossa gente, exigindo sacrificios de toda ordem, e arrastando-se nos pantanaes do Paraguay, num circulo de angustias e incertezas.

— "Aqui ficamos, já no coração do Paraguay" — escrevia o Chefe de Esquadra Visconde de Inhaúma, de Villa Franca, em 11 de Setembro de 1868, ao Conselheiro Saldanha Marinho, Presidente da Provincia de S. Paulo. — "Aqui ficamos?! — Quando terá isto fim?" — accrescentava o venerando Joaquim José Ignacio.

Contando vinte e cinco annos incompletos de idade e sete na carreira militar, era o Tenente Julio Cesar de Noronha promovido por decreto de 2 de Dezembro de 1869 ao posto de Capitão-Tenente, no quadro extraordinario.

Com a terminação da guerra, em 1 de Março de 1870, encerrava-se o cyclo da campanha das cordilheiras e de quasi seis annos de porfiadas lutas em territorio estranjeiro. Retornavam o Brasil e o heroico Paraguay á senda do trabalho, á actividade constructora da paz.

ESTUDOS HYDROGRAPHICOS — INSTRUCÇÃO DE GUARDAS-MARINHA — VIAGEM DE CIRCUMNAVEGAÇÃO DA "VITAL DE OLIVEIRA"

Voltando a marinha brasileira ás suas viagens na costa do paiz e a terras estranhas, teve o distinto official, cuja vida rememoramos, a desempenhar varias commissões de caracter technico e para aprendizagem de guardas-marinha. Sob sua direcção foram levantados planos hydrographicos de pontos do littoral e das Ilhas de Fernando de Noronha, Trindade e Martim Vaz.

Serviu por esse tempo no couraçado "Mariz e Barros", exercendo funcções de immediato e de commandante.

Dahi em diante accentúa-se a capacidade do profissional, estudando as sciencias em mais intima ligação com a marinha, na vice-directoria do Collegio Naval, no commando de navios de primeira classe e noutros cargos.

Publicou em 1874 excellente compendio de *Hydrographia*, adoptado immediatamente para o ensino dos alumnos do 4° anno da Escola de Marinha. A divulgação desta obra proporcionou-lhe ensejo de aquilatar o apreço com que o julgavam companheiros de classe, — dos de maior cultura scientifica. Do Commandante José Candido Guillobel — que falleceu official general, recommendando-se por trabalhos profissionaes e profundos estudos geodesicos, notadamente em commissões de limites internacionaes, — recebia significativo parecer acerca da *Hydrographia*:

"Dos compendios existentes que tratam da materia e de que tenho conhecimento, é aquelle que melhor attende ás exigencias do ensino."

Louvando, noutros termos, a acção intelligente do autor e a utilidade didactica do trabalho, assim concluia o já laureado e brilhante Silveira da Motta, futuro Almirante Barão de Jaceguay:

"E tanto mais o honra esse seu livro, em meu conceito, por saber a dedicação com que V. S. se tem votado desde os seus verdes annos aos arduos e penosos labores da nossa profissão, em que V. S. assim como quasi toda a geração nova dos officiaes da armada teve de sacrificar quatro annos de sua mocidade aos trabalhos afanosos e aos perigos constantes da guerra do Paraguay — onde V. S. — ao lado de seu irmão Carlos de Noronha — soube realçar o bom nome que adquiriu por seus talentos nos bancos da Escola de Marinha, com o brilho das glorias immorredouras de Riachuelo e Humaytá".

Estes conceitos, emittidos pela officialidade culta da Marinha, que acompanhava com interesse a carreira do joven official, não ficaram, aliás, circumscriptos a essa corporação. Influenciado, de certo, pelo juizo dos mais capazes officiaes da nossa armada, o Conselheiro Andrade Pinto, Ministro da Marinha, ao promover o Capitão-Tenente Julio de Noronha a Capitão de Fragata, por merecimento, como prova de apreço e num requinte de gentileza, foi em pessoa levar-lhe á residencia o decreto de 7 de Dezembro de 1878. Das innumeras congratulações recebidas de collegas, por motivo do accesso, destacamos as do illustrado Saldanha da Gama, velho amigo do promovido:

"Meu caro Julio — Emquanto não vou pessoalmente, mando-te meus parabens por esta fórma. Tu sabes se elles são sinceros e se são sempre os mesmos os sentimentos que nos unem, desde os tempos escolares. Ainda quando não fosse teu amigo, eu estimaria tua promoção como official de marinha: — Tal é o sentimento com que julgo o acto do Andrade Pinto. Dá igualmente os meus parabens ao Carlos".

Para maior satisfação do contemplado pelo acto governamental, fôra, tambem na mesma data, promovido áquelle posto o Commandante Carlos Frederico de Noronha.

Por iniciativa do Ministerio Andrade Pinto, é o recem-promovido Capitão de Fragata Julio de Noronha escolhido, a 31 de Dezembro de 1878, para commandar a Corveta "Vital de Oliveira". Inicia-se com esta commissão a phase mais efficiente da vida publica do biographado.

Em viagem de circumnavegação — a primeira effectuada por navio brasileiro — deixava, aquella corveta o porto do Rio de Janeiro a 19 de Novembro de 1879, tocando nos portos de Lisboa, Gibraltar, Toulon, Malta, Porto-Said, Ismailia, Suez, Aden, Ponta de Galles, Singapura, Hong-Kong, Nagasaki, Iokohama, S. Francisco da California, Acapulco, Valparaizo, Lota, Punta-Arenas e Montevidéo. De Toulon a Hong-Kong viajaram a bordo os Embaixadores do Brasil á China e ao Japão, Chefe de Divisão Arthur Silveira da Motta e Dr. Eduardo Callado.

A 24 de Janeiro de 1881 regressava a "Vital de Oliveira" ao porto do Rio de Janeiro. No decurso de quatorze mezes da instructiva viagem ao redor do mundo — percorrendo uma extensão de 35.044 milhas — teve o illustre commandante opportunidade de revelar grandes conhecimentos nauticos, que honrariam o mais exigente profissional. Na difficil travessia dos mares da China e do Japão e na do Oceano Pacifico — em viagem de Valparaizo ao estreito de Magalhães, durante longos e penosos dias do roteiro, foi a corveta brasileira acossada por violentos temporaes, attingindo as vagas, em termo médio, 8 metros de altura.

Da commissão desempenhada, — não só sob o ponto de vista descriptivo, como no que dizia respeito á parte technica, inclusive observações astronomicas e detalhados calculos da navegação — apresentou o Commandante Julio de Noronha pormenorizado relatorio, impresso na Imprensa Nacional em 1882, e mais tarde reimpresso na "Revista Maritima Brasileira". Pela galhardia e zelo com que se houve no commando daquella corveta, mandou o governo considerar valiosissimos os serviços prestados — louvando-os pela "maneira digna e intelligente com que este official effectuou a viagem de circumnavegação". As congratulações de profissionaes do renome de Jaceguay, Saldanha da Gama, Eduardo Wandenkolk, João Justino de Proença e Duarte Huet Bacellar Pinto Guedes, por motivo do bom exito da viagem — coroaram de virentes louros a fronte do Commandante da "Vital de Oliveira".

VARIOS COMMANDOS — CONSELHO NAVAL — CAPITANIA DO PORTO DO RIO DE JANEIRO

Commandante do couraçado "Lima Barros" de 1881 a 1883, foi neste ultimo anno, a 19 de Março, nomeado Vice-Director da Escola de Marinha. Em 1885, passou a servir no Conselho Naval, como membro effectivo, funcção em que se distinguiu relatando consultas das mais importantes que lhe foram distribuidas, — "elaborando reflectidos pareceres concernentes a assumptos technicos e administrativos". Nomeado a 27 de Janeiro de 1888 Capitão do Porto do Rio de Janeiro, deixou temporariamente o cargo de membro effectivo do Conselho Naval. Em sessão do Conselho de 1 de Fevereiro daquelle anno os Conselheiros Souza Reis e José da Costa Azevedo, (Barão de Ladario) — interpretando sentimentos de seus pares — propuzéram que se consignasse em acta o pesar por se ver privada aquella repartição das luzes e da fecunda intelligencia do Capitão de Fragata Julio de Noronha.

Capitão do Porto do Rio de Janeiro — de Janeiro de 1888 a Junho de 1889 — deixou neste departamento da administração um sulco de labor e de rara competencia.

O interessante relatorio que submeteu á consideração do Ministro da Marinha Barão de Guahy a 15 de Abril de 1889 e que figura annexo ao relatorio ministerial, trata, em traços geraes, de serviços attinentes á repartição que dirigia. Abordando modalidades particulares do serviço, refere-se, porém, demoradamente á marinha de commercio, opinando pela decretação de uma lei que tornasse nacional a navegação de cabotagem. Relativamente á pesca, o relatorio do Capitão de Fragata Julio de Noronha é por demais minucioso, — estudando-a sob os seus variados aspectos. Detalhando o "modus" de que se serviam industriaes da pesca, condemna "in-limine" os curraes de peixe, julgando que deveriam ser destruidos immediatamente os construidos juntos á Ilha da Sapucaia, e o que ficava em Jurujuba, ao lado do esgoto do hospital de molestias infecciosas. Os curraes ou cercadas localizadas na enseada de Inhauma, que recebiam detritos do lixo, poderiam ser chamados — *verdadeiras officinas da morte* — tal o perigo permanente que havia de envenenamento do peixe ali recolhido, com gravissimo prejuizo á saude publica.

Fonte preciosa de consulta, esse estudo mereceria mais ampla divulgação por conter ensinamentos a respeito do sempre importante problema da apanha de peixe e da industria da pesca.

Por aviso de 21 de Junho de 1889 — já na administração do Ministro Barão do Ladario — foram elogiados os bons serviços do Capitão do Porto do Rio de Janeiro, e especialmente pelo relatorio que confeccionara. Anteriormente a este acto, o Senador Visconde de Ouro Preto, em sessão da Camara Alta de 27 de Maio daquelle anno, combatendo o gabinete conservador de 10 de Março de 1888 e a proposito de um credito solicitado pelo Ministerio da Marinha, louvára o excellente relatorio — achando justo o elogio que lhe dispensara o titular daquella pasta. Ponderava o futuro chefe do gabinete liberal de 7 de Junho:

"Razão teve o nobre Ministro no elogio que dispensou ao relatorio do Capitão do Porto desta côrte. E' com effeito, um documento importante. Não conhece o orador o official que o firmou, porque era elle muito criança em seu tempo. Mas a maneira por que discute varios assumptos convence de que é homem de merito superior".

Noronha Santos.

GAZETILH

TRIBUNAL DE CON

INSTRUCÇÕES SOBRE O
PARA O RELATO

O Sr. Presidente do Tr
baixou hontem aos directo
bunal as seguintes portar

"Tendo deliberado esta
tar ao Congresso Nacion
nal de Contas, logo após
legislativas, até 31 de
prorogavelmente, le
que devels provide
ganização e elab
sejam observada

1° — A es
e as demais, r
das quaes d
do relatorio,
Fevereiro
a indispe
assentar
prestada

2°
tsati
se
dia
pe
e